



## Diagnóstico preliminar da segurança alimentar em relação aos impactos climáticos em duas comunidades do Vale do Jari

### Preliminary food security diagnosis of climate impacts in two Jari Valley communities

Manuelle da Costa Pereira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0006-2854-2938>

Maycon Barbosa Cardoso<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0009-0003-2598-0922>

Natasha Lopes Rodrigues<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0009-0002-8310-4210>

Nubia Caramello<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-2167-9759>

Maicon Sathler<sup>5</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-1804-2148>

Hamilton dos Prazeres<sup>6</sup>

<https://orcid.org/0009-0004-3625-9118>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é compreender como duas comunidades ribeirinhas do Vale do Jari se adaptaram às mudanças climáticas ocorridas, e avaliar os impactos dessas adaptações na segurança alimentar dessas populações. Primeiramente, foram realizadas entrevistas em ambas as comunidades, em que foram levantados dados de caráter quali-quantitativo. Posteriormente, esses dados foram analisados a partir da estatística descritiva, correlacionando a realidade local com outras comunidades da Amazônia. Resultou em 33 pessoas entrevistadas, na qual 81,8% moravam na comunidade há mais de dez anos, 93,9% realizam a prática do extrativismo e 67,7% relataram que os produtos advindos do extrativismo são utilizados tanto para subsistência como para comércio. Dos que constatarem serem extrativistas, 57,58% estão tendo maior dificuldade em obter produtos extrativistas no verão amazônico de 2023. Em relação à horticultura, 21,2% alegaram produzir. Além de 52,2% desses produtores comprovarem que houve alteração na produção nos últimos anos. Além disso, 78,8% relataram que dependem de comércios distantes das comunidades para a compra de alimentos. Portanto, uma das maiores consequências das alterações climáticas é a escassez de recursos, que fazem com que tenham que recorrer a comércios geograficamente distantes de suas comunidades.

<sup>1</sup> Acadêmica de Engenharia Florestal – IFAP, cmanu043@gmail.com

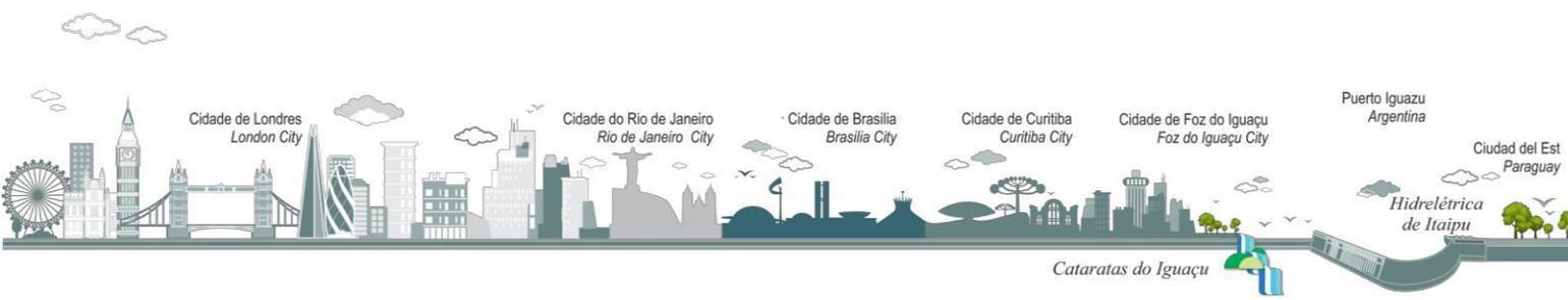
<sup>2</sup> Acadêmico de Engenharia Florestal – IFAP, maiconbc123@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica de Engenharia Florestal – IFAP, natashalopes094@gmail.com

<sup>4</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP, doutora em Geografia, nubia.caramelo@gmail.com

<sup>5</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP, maicon.sathler@ifap.edu.br

<sup>6</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - IFAP, hamilton.prazeres@ifap.edu.br





**Palavras-Chave:** Amazônia; Extrativismo; Meio ambiente; Rbeirinhos.

**Abstract:** The objective of this study is to understand how two riverine communities of the Jari Valley have adapted to climate change, and to evaluate the impacts of these adaptations on food security of these populations. First, interviews were conducted in both communities, in which qualitative and quantitative data were collected. Subsequently, these data were analyzed from descriptive statistics, correlating the local reality with other communities in the Amazon. It resulted in 33 people interviewed, in which 81.8% lived in the community for more than ten years, 93.9% perform the practice of extractivism and 67.7% reported that the products from extractivism are used for both subsistence and trade. Of those who found to be extractive, 57.58% are having greater difficulty in obtaining extractive products in the Amazon summer of 2023. Regarding horticulture, 21.2% claimed to produce. In addition to 52.2% of these producers prove that there has been a change in production in recent years. In addition, 78.8% reported that they depend on businesses far from the communities to buy food. Therefore, one of the biggest consequences of climate change is the scarcity of resources, which make them have to resort to businesses geographically distant from their communities.

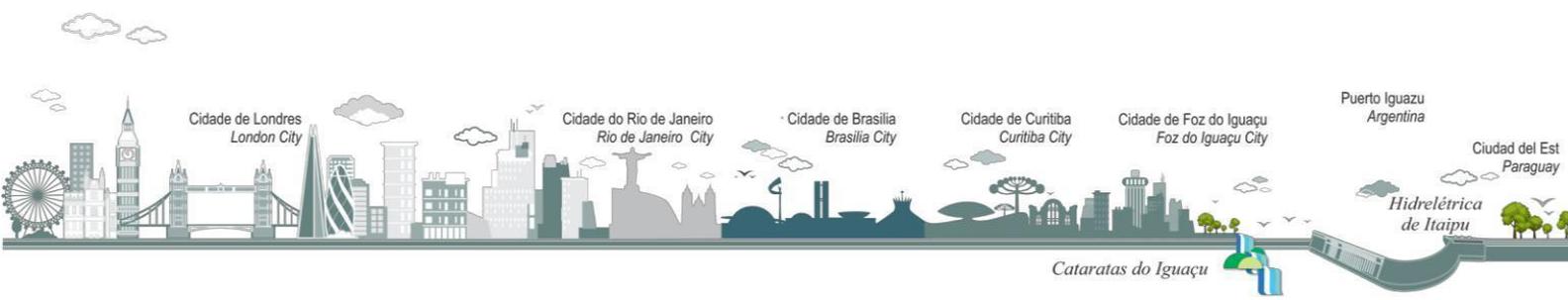
**Key Words:** Amazon; Extractivism Environment Riparian.

## INTRODUÇÃO

A região amazônica é conhecida por sua abundância de águas doces, onde comporta cerca de 1.700 rios que se expandem por nove países da América do Sul, incluindo o Brasil (Val *et al.*, 2023). Ao longo desses rios é possível encontrar pessoas habitando as margens, que são conhecidos popularmente como ribeirinhos. Esses povos têm uma estreita relação com a natureza, pois dependem da pesca e agricultura para subsistência.

Tendo isso, o Vale do Jari compreende os municípios de Laranjal do Jari, no estado do Amapá, Vitória do Jari, no Amapá, e Almeirim, no Pará. A região possui uma significativa população composta por ribeirinhos que moram em palafitas, edificações construídas sobre áreas inundadas. O rio que banha esses dois estados é o Rio Jari, que deságua no Rio Amazonas. Segundo Claretto (2005), suas águas percorrem aproximadamente 600 quilômetros de terras brasileiras, tendo curso tortuoso. E as condições climáticas determinam o período de elevação do nível do rio.

A população ribeirinha do Vale desempenha um papel fundamental na cultura e economia local. A densidade demográfica de Laranjal do Jari se expandiu a partir das margens desse rio, exemplificando. Então, esses povos guardam todo conhecimento tradicional, colaboram com a conservação dos recursos, extraindo o necessário para subsistência. Além de contribuírem com a economia local, na venda de pescado, produtos da agricultura, extrativista e outros recursos naturais, diminuindo a dependência de produtos importados.





Entretanto, a região está experimentando impactos significativos devido às mudanças climáticas, resultando em alterações no seu regime de chuvas. Onde na época de cheia as casas são ocupadas pelas águas e que podem atingir suas plantações, criações de animais e dificultar a pesca. De acordo com o G1 Amapá, no ano de 2022 o Rio Jari alcançou um nível recorde durante dez anos e atingiu 3,34 metros. Isto foi devido a alta precipitação pluviométrica que estava ocorrendo no local. Por conseguinte, impactou o Vale em todos os eixos, mesmo as áreas que não foram afetadas.

Logo, o maior problema que a região enfrenta atualmente está atrelado ao período de inundação dos rios. Em virtude disto, este trabalho tem como objetivo compreender como as comunidades ribeirinhas, mais especificamente nas Comunidades Quilombo de São José e Santo Antônio da Cachoeira se adaptaram às mudanças ocorridas e avaliar os impactos dessas adaptações na segurança alimentar dessas populações. Com o fim de contribuir para a promoção de políticas públicas para a região.

## METODOLOGIA

### Área de estudo

Este trabalho é destinado às Comunidades Quilombo de São José, certificada em 2013 como quilombo pela Fundação Palmares, e Santo Antônio da Cachoeira (Figura 1), localizada no município de Laranjal do Jari, região sul do Estado do Amapá. São caracterizadas por serem comunidades extrativistas e quilombolas, além da dependência da pesca e agricultura para subsistência.

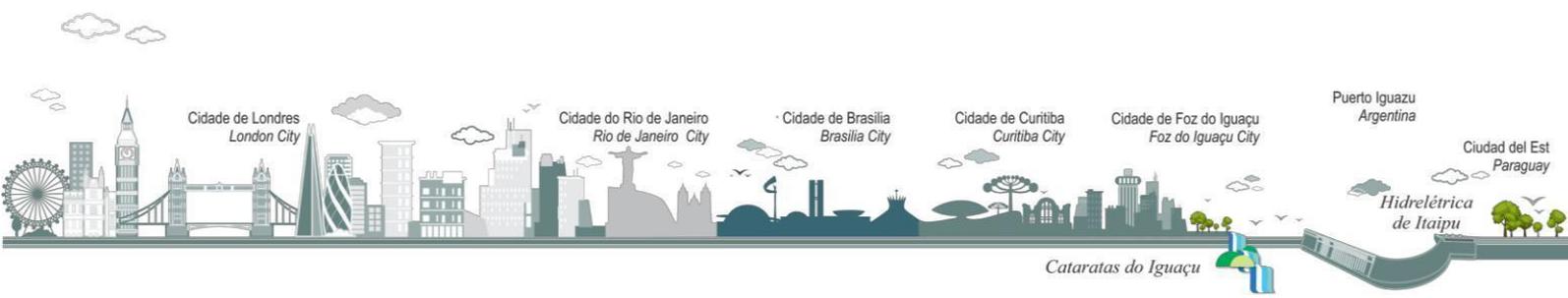
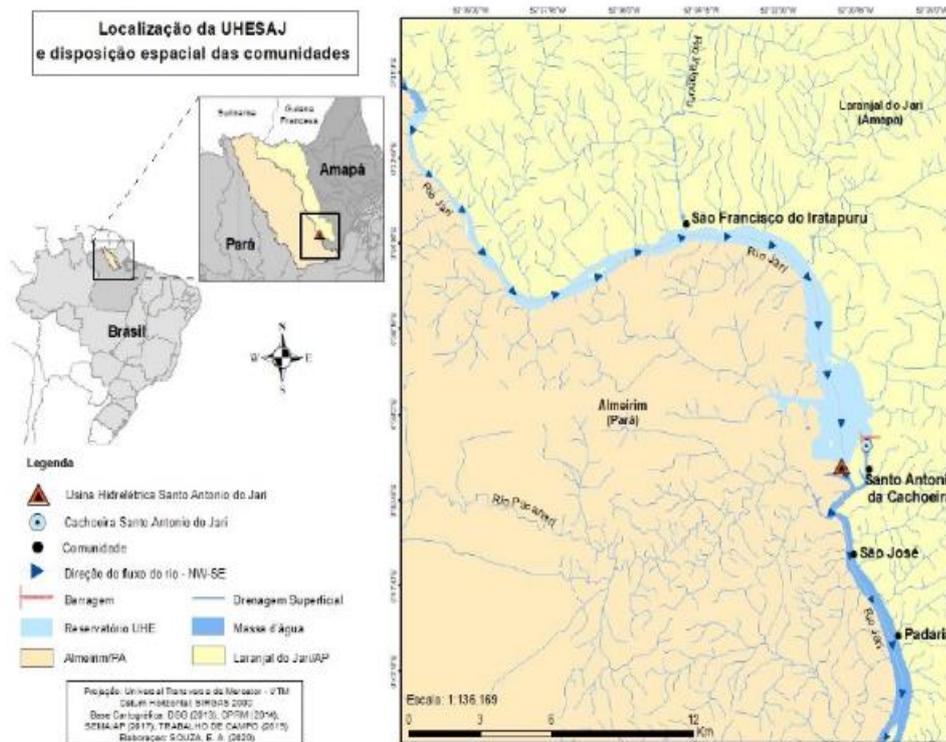




Figura 1 - Disposição das comunidades



Fonte: Lopes; Brito (2021).

Na Comunidade Quilombo de São José o acesso se dá a partir de Laranjal do Jari pelo Rio Jari ou pelo Ramal do Retiro. Já a Comunidade Santo Antônio da Cachoeira está localizada próxima à Cachoeira de Santo Antônio no Rio Jari.

## Coleta de dados

As questões foram elaboradas com base na proposta de indicadores a serem considerados em estudos que abordam a segurança alimentar, como: Tipo de trabalho, produção alimentar local e consumo externo, disponibilidade de recurso natural local como a pesca o extrativismo foi inserido pela equipe de pesquisa considerando a realidade regional.

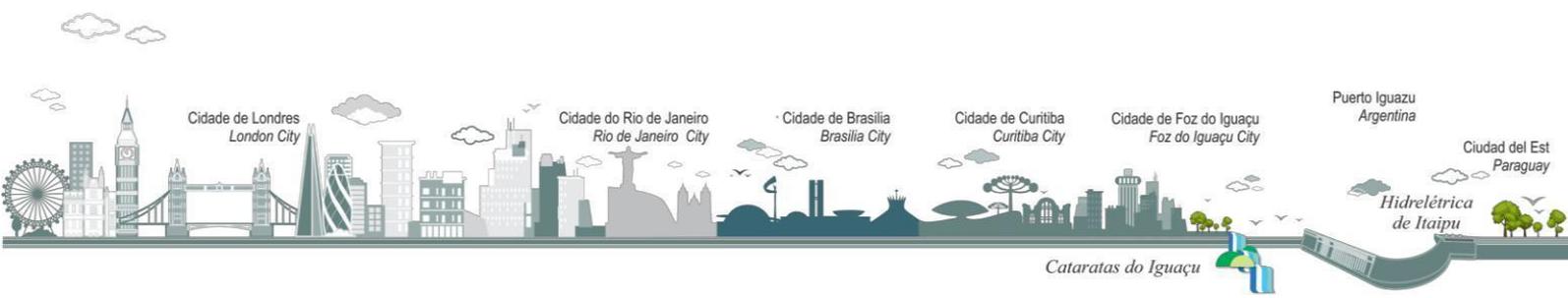
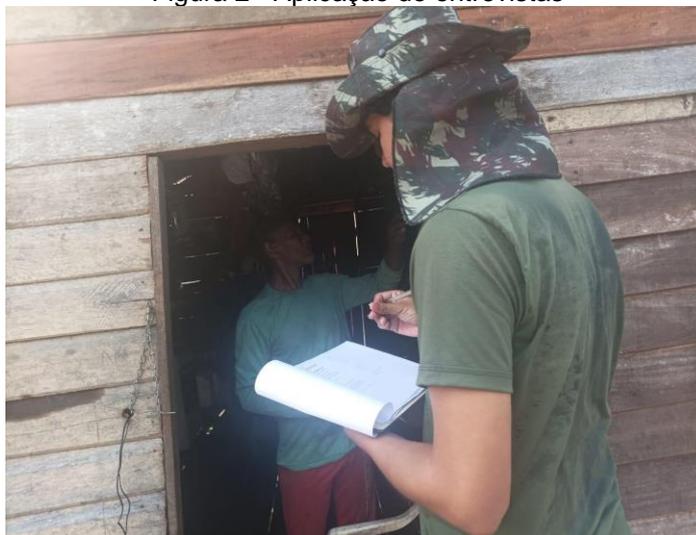




Figura 2 - Aplicação de entrevistas



Fonte: autores (2023).

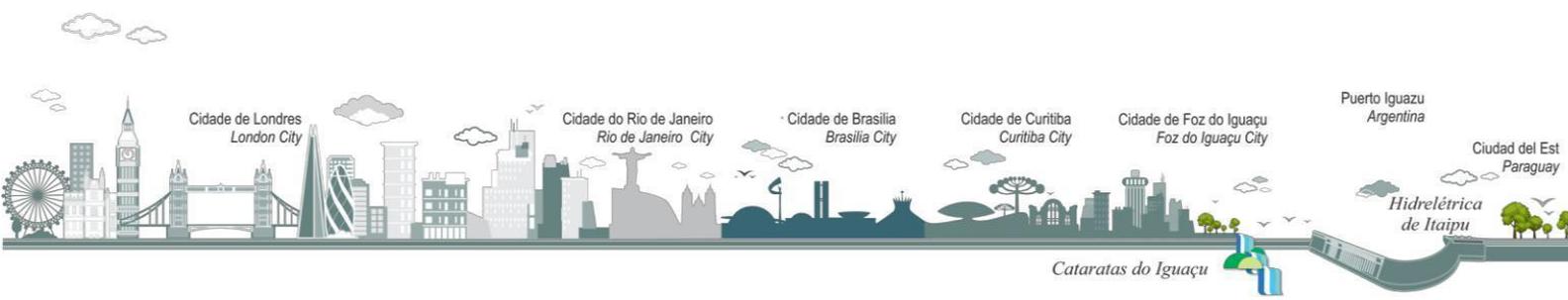
Para a coleta de dados, foi realizado trabalho de campo no mês de novembro do ano de 2023, durante um dia. Onde foi realizado entrevistas de cunho quali-quantitativo (Figura 2), na qual, foi limitado a um integrante por família, desde que tivesse idade superior a 18 anos. A presente investigação está integrada a uma pesquisa com parecer de ética nº 6.189.379.

## Análise de dados

Os dados foram analisados a partir da estatística descritiva, relacionando a realidade local com outras comunidades na Amazônia disponíveis para consulta em revistas e documentos online voltada diretamente para a temática.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a FAO na Conferência Mundial da Alimentação de Roma em 1996, a segurança alimentar se trata da garantia das necessidades nutricionais básicas das pessoas, porém isso está sendo afetado pelas mudanças climáticas também, impedindo que possam produzir ou ter acesso a alimentação suficiente. Tendo isso, nesta pesquisa foram



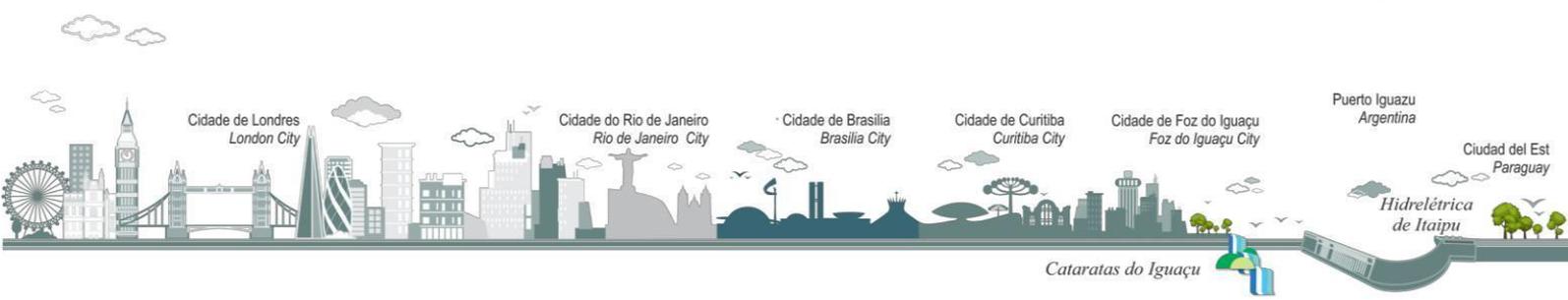


entrevistadas 33 pessoas nas duas comunidades. Onde 81,8% dos entrevistados moravam na comunidade há mais de dez anos, 93,9% realizam a prática do extrativismo e 67,7% relataram que os produtos advindos do extrativismo são utilizados tanto para subsistência como para comércio.

Dos que constataram serem extrativistas, 57,58% estão tendo maior dificuldade em obter produtos extrativistas no verão amazônico de 2023, pois apontaram menor produtividade principalmente relacionado a castanha-da-Amazônia e perda da qualidade do produto, o que está impactando na venda desse recurso. As famílias extrativistas têm a castanha como principal fonte de renda. A subsistência de aproximadamente 300 mil pessoas da Amazônia está vinculada a essa cadeia produtiva, e o Vale do Jari tem uma média em uma safra regular de 4 mil toneladas de castanha circulando na região (Pinheiro, 2023). Entretanto, essa estimativa está sendo prejudicada pela atual crise climática.

Em relação à horticultura, 21,2% alegaram produzir hortas com cheiro verde, chicória, alfavaca, couve, cebolinha ou pimenta. Além de 52,2% dos produtores de hortas comprovarem que houve alteração na produção nos últimos anos. Em que a maior parte acredita, que essas alterações estão vinculadas às altas temperaturas. Segundo Menin (2021), as populações ribeirinhas da Amazônia não conseguem mais antecipar se o ano será marcado por cheias dos rios ou seca. Isso aponta que as mudanças climáticas estão causando imprevisibilidade, conseqüentemente, impactando a agricultura.

Além disso, 78,8% relataram que dependem de comércios distantes das comunidades para a compra de alimentos, ou seja, precisam se deslocar para a área urbana de Laranjal do Jari. E cada um está fazendo algo para tentar superar as dificuldades vivenciadas, entretanto, a maioria não está conseguindo fazer nada ou não souberam responder. Outros ainda, estão adotando plantações alternativas, a pesca, a compra e revenda de castanhas de outras comunidades, trabalho de carteira assinada e até empréstimos bancários. Assim, demonstrando que a insegurança alimentar dessas famílias ribeirinhas está sendo acentuada pelas variações climáticas.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, constata-se que o ano de 2023 foi marcado por temperaturas alarmantes. Portanto, esses dados demonstram que uma das maiores consequências das alterações climáticas é a imprevisibilidade no meio ambiente, que está fazendo com que os ribeirinhos não se antecipem ou busquem alternativas previamente para superar as adversidades relacionadas à escassez de recursos. Dessa forma, tendo que recorrer a comércios geograficamente distantes de suas comunidades. Além disso, é válido ressaltar a necessidade de estudar as políticas públicas voltadas à assistências técnicas na região, tendo em vista que a crise climática é emergente, e muitos comunitários não estão conseguindo traçar estratégias para se adaptar, dessa forma, comprometendo a segurança alimentar dessas famílias.

## REFERÊNCIAS

Águas do Rio Jari, no Sul do Amapá, alcançam o maior nível dos últimos 10 anos; cheia completou 2 meses, 2022. **G1 Amapá**. Macapá. 25 nov. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2022/05/25/nivel-das-aguas-do-rio-jari-no-sul-do-amapa-alcanca-o-maior-nivel-dos-ultimos-10-anos.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2023.

CLARETO, S. M. Espaço urbano e ocupação espacial na Amazônia brasileira: um estudo de espacialidades em Laranjal do Jari (AP). **São Paulo: Universidade de São Paulo**, 2005. Disponível em:

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/09.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

LOPES, M. de S.; BRITO, D. M. C. Impactos socioambientais ocasionados por hidrelétrica no Vale do Jari, Amapá, Brasil: percepções comunitárias. **Ambiente & Sociedade**, v. 24, 2021. Disponível em:

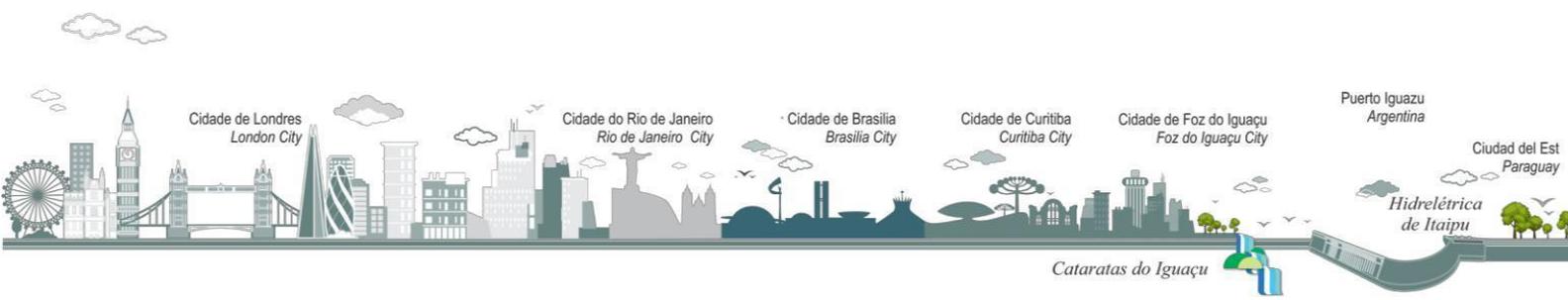
<https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20190068r3vu2021L2AO>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MENIN, J. "A natureza se move e a gente se move junto": práticas de adaptação às mudanças climáticas em comunidades ribeirinhas da Amazônia. 2021. Dissertação (Metrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/226010>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração de Roma sobre segurança alimentar mundial e plano de ação da cúpula mundial da alimentação**. Roma, 1996. Disponível em:

<http://www.fao.org/3/w3613p/w3613p00.htm>. Acesso em: 24 nov. 2023.

PINHEIRO, C. Castanha é modelo de exploração sustentável da Amazônia, mas mercado sofre com instabilidade. **Mongabay**. 19 Jun. 2023. Disponível em:



# International Journal of Environmental Resilience Research and Science (IJERRS)



Revista Internacional Resiliência Ambiental Pesquisa e Ciência Sociedade 5.0 Resiliência Ambiental  
ISSN 2675-3456

<https://brasil.mongabay.com/2023/06/castanha-e-modelo-de-exploracao-sustentavel-da-amazonia-mas-mercado-sofre-com-instabilidade/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

VAL, A. L *et al.* Os rios da Amazônia, em 7 pontos. **Nexo Jornal**. 24 Out. 2023. Disponível em: [https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2023/Os-rios-da-Amaz%C3%B4nia-em-7-pontos#:~:text=Juntos%2C%20eles%20formam%20a%20maior,%2C%20%C3%A9%20claro%2C%20o%20Brasil](https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2023/Os-rios-da-Amaz%C3%B4nia-em-7-pontos#:~:text=Juntos%2C%20eles%20formam%20a%20maior,%2C%20%C3%A9%20claro%2C%20o%20Brasil.). Acesso em: 4 nov. 2023.

IJERRS - ISSN 2675 3456 - V.6, N.1, 2024 p. 8

